

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

Notes on Kurdish nationalism: reformulation of national identity

Palavras Chave

Nação
Nacionalismo
Curdos
PKK
Ö c a l a n

O movimento curdo, bem como a identidade nacional curda, se transformou em diversos momentos ao longo do século XX. No final dos anos 70 nasce o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), e este rapidamente se torna a principal organização do movimento curdo. Após um processo de reformulação no final dos anos 90, que foi promovido em grande parte pela maior participação das mulheres curdas, o partido nega suas origens marxistas e passa a adotar um programa anticapitalista e anti-estatal. Sua estratégia política foi denominada Confederalismo Democrático. Assim, a perspectiva do movimento em relação à identidade nacional curda se modificou. A partir deste contexto, o presente artigo tem por objetivo discorrer sobre a identidade nacional curda e sua redefinição pelo PKK.

Key words

Nation
Nationalism
Kurds
PKK
Öcalan

The Kurdish movement, as well as the Kurdish national identity, has been transformed in several moments throughout the 20th century. In the late 1970s the Kurdistan Workers' Party (PKK) was born, and it quickly became the main organization of the Kurdish movement. After a reform process in the late 1990's, which was promoted by the greater participation of Kurdish women, the party denies its marxist origins and starts to adopt an anticapitalist and anti-state program. The political strategy was called Democratic Confederalism. Thus, the movement's perspective in relation to the national identity was changed. From these transformations, this article aims to discuss the Kurdish national identity and its redefinition by the PKK.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste artigo é discorrer sobre a reformulação da identidade nacional curda. A partir da exposição de alguns estudos sobre a questão nacional, se apresentará algumas definições clássicas do conceito de nação e nacionalismo, além de visões mais contemporâneas. Mas, como não é possível prosseguir o estudo da questão nacional de determinado grupo sem a análise histórica específica, o segundo capítulo é dedicado à história do nacionalismo curdo.

O nacionalismo curdo nasceu com a modernidade, assim como a questão nacional em si, mas a identidade étnica curda remonta há séculos atrás. Em um primeiro momento, o movimento curdo não se unificava através de um partido ou representante político único. Apenas durante o final dos anos 70, com o surgimento do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), que este cenário se modificou.

Utilizando-se da luta armada e dos princípios marxistas-leninistas, o PKK se tornou a principal vertente do movimento curdo. Sua reivindicação principal era a independência através de um Estado nacional curdo. Porém, após um período de reformulação ideológica no final do século XX, o partido modifica sua estratégia. As novas ideias têm como horizonte o modelo de organização social denominado “democracia sem Estado”, e o formato político que possibilita esta organização é o “Confederalismo Democrático” (Öcalan, 2016). Estas ideias foram descritas nas obras de Abdullah Öcalan, figura de extrema importância dentro do movimento curdo.

Öcalan (2017) também discorre sobre a “nação democrática”. A partir do projeto da modernidade democrática, surge este novo conceito de nação que tem por objetivo modificar a questão nacional curda. Além da reformulação ideológica do partido, que nega a criação de um Estado próprio, a própria construção de nação curda é modificada. Esta não seria mais dependente de características como um passado, língua ou religião comuns, e sim da vontade livre de indivíduos e de instituições autônomas.

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

¹ A autora está com uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento sobre a temática específica das mulheres curdas, e este assunto não será aprofundado aqui.

Todos os conceitos apresentados acima estão sendo colocados em prática na região de Rojava (Curdistão Sírio), desde 2011.

PANORAMA DA QUESTÃO NACIONAL

O início deste trabalho tem como objetivo explicitar brevemente algumas abordagens de estudo sobre os temas *nação* e *nacionalismo*. Assim como Benedict Anderson (2008) afirma, em sua introdução ao livro "Um mapa da questão nacional", deste fenômeno político "*não há nenhuma definição amplamente aceita. Ninguém foi capaz de mostrar de forma conclusiva sua modernidade ou antiguidade*" (Anderson, 2008, p. 7). Porém, o intuito deste primeiro capítulo é o de apresentar um panorama geral das possibilidades de análise existentes da questão nacional para que, posteriormente, a reflexão acerca do povo curdo e suas particularidades se revele de maneira crítica.

Deve-se ressaltar que o estudo da questão nacional se ramifica de acordo com as diferentes teorias acerca do tema. Os principais debates sobre o surgimento das nações e do nacionalismo se dividem aproximadamente da seguinte maneira: as nações são um fenômeno atemporal; as nações existem há muito tempo, e adquirem diferentes facetas ao longo da história; a nação é uma construção moderna. A partir do século XX, a maior parte dos autores atribuíram ao nacionalismo a característica de um fenômeno essencialmente moderno, e é este argumento que será utilizado neste artigo em relação ao nacionalismo curdo.

Antes da exposição e análise dos estudos que endossam a argumentação citada acima, se apresentará um autor cujo discurso foi fundamental para estes mesmos estudos. Ernest Renan foi um dos primeiros autores a teorizar sobre o conceito de nação, e seu famoso discurso "What is a nation?" (1990) ainda é citado em diversos textos contemporâneos. Renan afirmou que "*A essência da nação é de que todos os indivíduos têm algo em comum, e de que também se esqueceram de muitas coisas*" (Renan, 1990, p. 11. Tradução nossa). Esta famosa citação constatou que para a criação e desenvolvimento de uma nação, é necessário inventar mitos de origem e momentos históricos. Foi preciso esconder a violência originária de sua formação e dos povos que foram brutalmente mas-

sacrados, assim como a homogeneização de diferentes culturas, para que a união populacional pudesse ser consagrada. Assim, a nação passa a ter memórias herdadas em comum e o desejo de viver conjuntamente, perpetuando os valores da herança recebida, bem como revivendo glórias passadas e partilhando vontades comuns futuras.

As observações de Renan se apresentam úteis para uma análise concreta da formação dos Estados-nação, bem como dos sentimentos nacionais que envolveram este processo. O nacionalismo é uma combinação de fatores, e estudar suas particularidades permite o estabelecimento de complexas interrelações, mas alguns fatos são incontestáveis: o surgimento de um Estado-nação é associado às decisões antidemocráticas, discriminação, autoritarismo, homogeneização e repressão das minorias.

Um dos primeiros autores a associar o surgimento das nações e do nacionalismo com o advento da modernidade foi Ernest Gellner. Através de uma perspectiva materialista do advento do nacionalismo nos séculos XIX e XX, o autor realiza a análise da sociedade agro-letrada em contraste com a posterior industrial avançada. Com a industrialização da sociedade, a educação especializada e a produção cultural começaram a adquirir maior importância na formação dos trabalhadores. De acordo com o autor, essa nova “cultura superior” (ou cultura nacional) passou a ser padronizada e difundida entre todos os indivíduos que compunham o Estado em formação, de maneira que um fosse essencial ao outro: “*Dito de maneira ainda mais sucinta: uma cultura, um Estado; um Estado, uma cultura*” (Gellner, 2008, p. 119). Assim, Gellner conclui que as nações foram forjadas, e o nacionalismo pode ser explicado como a “resposta necessária” à transição do feudalismo para o capitalismo.

Em contraponto à esta visão, o autor Anthony Smith reconheceu que o nacionalismo é fruto da modernidade, mas caracterizou as nações como fenômenos baseados em grupos culturais antigos, denominados *ethnie* (grupo étnico). Estes grupos foram construídos a partir de mitos e da memória coletiva, e têm elementos em comum com as nações modernas. O objetivo da análise do autor foi justamente identificar a importância dos mitos de origem e da simbologia para o estudo das nações/

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

Mesmo que os elementos da etnia sejam “construídos” e ‘reconstruídos’, e às vezes francamente ‘inventados’, o fato de essas atividades terem funcionado por séculos (ou até milênios) e de diversas *ethnies*, embora alterando seu caráter cultural, haverem não obstante persistido como comunidades identificáveis por longos períodos sugere que é um risco ignorarmos a presença e a influência exercida por tais comunidades na formação das nações modernas (SMITH, 2008, p. 204).

O pensamento de Smith demonstrou-se de extrema importância para o estudo de povos cuja identificação étnica remonta há períodos anteriores à Idade Moderna. No caso do povo curdo, que é o objeto de estudo deste artigo, esta observação é necessária para o entendimento de sua história. Apesar de se constituírem enquanto nação apenas durante a modernidade, a identificação de uma comunidade curda já existia entre seus pares há anos, ainda que estes mitos e símbolos tenham se transformado posteriormente.

De acordo com Benedict Anderson (2008), as nações são comunidades imaginadas. O seu livro “Comunidades Imaginadas”, escrito em 1983, é considerado uma das obras mais importantes e instigantes sobre o estudo das nações e do nacionalismo, até mesmo sobre o estudo da ciência política. Anderson define sua visão sobre a nacionalidade e nacionalismo: são produtos culturais específicos. O autor propõe que esses produtos foram criados a partir de um “cruzamento complexo de diferentes forças históricas”, que posteriormente se tornaram modulares e capazes de serem transportados e reproduzidos por diferentes sociedades (Anderson, 2008). Ao rejeitar a possibilidade de associar o nacionalismo à ideologia ou a um projeto político, o autor parte de uma visão antropológica e define a nação como “*uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana*” (Anderson, 2008, p. 32). A nação se constitui como *imaginada* pois existe a ideia de uma comunhão entre seus membros, mesmo que estes não se conheçam. É *limitada* pois sempre possui fronteiras; se distingue da humanidade

enquanto totalidade. E também é *soberana*, já que proclama a liberdade e o direito à autodeterminação, principalmente através do Estado Soberano. Por fim, a nação é uma *comunidade* já que sempre haverá uma “camaradagem horizontal” entre todos os seus membros, independente das possíveis desigualdades existentes.

O autor afirma que o capitalismo criou as condições para a popularização da nação. E a tecnologia de imprensa, conjuntamente, possibilitou a criação de uma unidade linguística. Com a decadência do latim, as línguas impressas começaram a ser disseminadas pelo capitalismo e criaram a base da consciência nacional através de uma vernacularização. Assim, a Europa teria fornecido “formas modulares” para que as classes dominantes de outros países pudessem seguir o formato nacional europeu.

Em contraponto, Partha Chatterjee critica o eurocentrismo de Anderson. O autor ressalta que as lutas anticolonialistas dos anos 60 e 70 foram manipuladas e redirecionadas estrategicamente de acordo com poderes exteriores. Porém, a afirmação de que a Europa e a América do Norte foram responsáveis por traçar o roteiro que o mundo pós-colonial seguiria é caracterizar estes povos como receptores, e não sujeitos da história. Ele discorre sobre o fato de que as doutrinas nacionalistas iam além de um movimento das elites, com a participação camponesa e popular presente (CHATTERJEE, 2008).

A análise de Chatterjee também é destacada neste artigo, já que pode ser aplicada em relação ao povo curdo. O reconhecimento da participação popular e a rejeição de uma ótica eurocentrada auxiliam na compreensão da formação das nações no Oriente Médio, bem como da situação dos povos reféns do colonialismo. Não é possível compreender a história destes povos senão através de uma perspectiva anticolonial.

Em resposta ao imperialismo e à dominação ocidental dos séculos XIX e XX, surgiram movimentos com perspectivas anti-imperialistas, anticoloniais, e, em alguns casos, socialistas no Oriente Médio. Muitos destes rejeitavam a ocidentalização e reivindicavam a valorização de certas tradições culturais. Porém, grande parte dos movimentos foram apropriados pelas elites locais e pelos próprios valores ocidentais de independência através de um Estado-nação.

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

A autora Montserrat Guibernau (2004), em sua obra "Nations without States", discorre sobre o conceito de "nações sem Estado". A autora afirma que estas seriam "*nações que, apesar de terem seus territórios incluídos dentro das fronteiras de um ou mais Estados, em geral não se identificam com estes*" (Guibernau, 2004, p. 1254. Tradução nossa). Seus membros, que têm uma unidade cultural, reivindicam maior autonomia política que pode ser concedida ou conquistada de diferentes maneiras.

Guibernau observa que o papel tradicional do Estado está se modificando atualmente. A tecnologia e a globalização atravessam as fronteiras nacionais, e o isolamento cultural já não é mais possível, contribuindo para o crescimento de nacionalismos dentro de instituições já formadas. Estes nacionalismos surgem como formas alternativas de coexistência, além de uma reação à homogeneização cultural contemporânea. As nações sem Estado reivindicam uma representação que difere do modelo tradicional de Estado-nação, que assimila forçadamente seus cidadãos e falha na capacidade de prover as necessidades dos diferentes povos que vivem dentro das suas fronteiras. Portanto, o nacionalismo das nações sem Estado é fruto da globalização e das transformações do Estado-nação na contemporaneidade (GUIBERNAU, 2004).

O Estado atualmente sofre pressões externas e internas para modificar seu caráter centralizador e reconhecer as diferentes comunidades culturais que possuem graus variados de consciência nacional e demandas sócio-políticas. A reivindicação das nações sem Estado por uma autonomia política surge após longos períodos de insatisfação, negação e repressão dentro do território em que se encontram. Assim, estas comunidades trazem de volta a diversidade existente antes da formação opressiva dos Estados-nação.

Guibernau analisa diferentes respostas políticas às comunidades que buscam maior autonomia, como o reconhecimento cultural pelo Estado, descentralização através da autonomia política ou uma federação. Independente da forma, a conclusão da autora é que as nações sem Estado devem perseguir alternativas que visem a democracia, coexistência cultural e o reconhecimento das diferenças dentro de um mesmo território.

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

A autora, no que diz respeito ao povo curdo, reconhece a repressão e a negação que estes enfrentam em todos os diferentes Estados-nação em que se encontram. A violência estatal fez com que o sentimento nacional curdo aumentasse, fruto da solidariedade entre seus membros em períodos de repressão. O fato de que o povo curdo nunca se consolidou enquanto Estado-nação e o projeto político do Confederalismo Democrático (que será exposto mais à frente) que propõe justamente a autonomia através da democracia, são características que dialogam diretamente com a análise de Guibernau e sua perspectiva sobre estes movimentos.

A sociedade curda é composta por relações complexas que impedem uma análise simplificada de resposta única à sua situação. A identidade curda não é de fácil definição. Eles não compartilham uma língua ou religião únicas. Muitos curdos se recusam a enquadrar-se em uma única identidade étnica, já que a formação social tribal e a estratificação social por muito tempo impediram a composição de uma comunidade curda unificada.

Tendo em vista o exposto, a questão do nacionalismo curdo se complexifica. Apesar da diversidade presente nas pesquisas apresentadas, uma das poucas ideias que unem os estudiosos da questão nacional é o fato de que, ao estudar a temática da nação e do nacionalismo, é necessário considerar a especificidade do momento histórico. Alguns autores formulam conceitos gerais, mas destacam previamente que nenhuma classificação pode ser realizada apenas idealmente ou sem qualquer reflexão sobre a conjuntura abordada: *“Nacionalismo é um distinto, complexo e significativo assunto, e o melhor – talvez o único – meio de entendê-lo é historicamente”* (Breuilly, 2013, p. 15. Tradução nossa). Portanto, após esta exposição pontual, o presente artigo irá se deter na história do nacionalismo curdo e, posteriormente, na do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK).

HISTÓRIA DO NACIONALISMO CURDO

No início, como afirma a história curda, eles eram descendentes dos medos, um povo de origem indo-arábica. Comumente se assumia que os curdos eram etnicamente diferentes de seus vizinhos. E desde a expansão do Império Árabe, diversas tribos iranianas e iraquianas foram denominadas curdas. McDowall (2007) relata que

o termo curdo, durante o período da expansão do Império Islâmico, significava nômade. Posteriormente, foi relacionado com a ideia de depredação. A maioria dos curdos se recusa a enquadrar-se em uma única identidade étnica. Existem curdos que são simultaneamente judeus, árabes, ou cristãos, por exemplo. *“Então quem é o povo curdo? Eles são todos, eu argumentaria, que pela consequência de um ambiente em que vivem, sentem um senso de identidade cultural curda”* (MCDOWALL, 1992, p. 9. Tradução nossa).

Os curdos se organizavam através de tribos nômades ou seminômades. Cada organização tinha sua estrutura interna própria, bem como a variação no número de membros. Martin van Bruinessen (1978) afirma em sua obra *“Agha, Shaikh and State”* que as “lealdades primordiais” do povo curdo eram direcionadas essencialmente à tribo e ao chefe tribal (*agha*), além das respectivas lideranças religiosas (*sheiks*). Quase todos os conflitos eram representados por grupos, e não indivíduos. Além disso, a lealdade do chefe para com as tribos vizinhas era extremamente dependente dos jogos de poder entre as próprias tribos ou com o governo. Diversos Estados reconheciam parte da autonomia dos chefes tribais curdos, em troca de serviços como fornecimento de tropas guerreiras e o pagamento de tributos (MCDOWALL, 1992).

Os ditadores do Império Otomano e Safávida não se consideravam representantes do povo curdo, já que as relações de soberania eram relegadas aos aghas ou sheiks. O nacionalismo passou a tomar conta do Império Otomano a partir do século XX, quando as nações reivindicavam independência. Esta condição foi resultado da modernização e da ocidentalização do Oriente Médio. No caso do nacionalismo curdo, este foi impulsionado principalmente pelo crescimento da população urbana e da classe intelectual curda. A solidariedade entre os curdos inicialmente é associada à ideia de uma ancestralidade comum que, como a maioria dos mitos nacionais, é fictícia. Porém, nacionalismos requerem subordinação às lealdades entre membros da mesma identidade étnica, e é um sentimento que se apresenta em conflito direto com as organizações tribais e suas lideranças. Assim, apenas durante a modernidade as lealdades de classe e de nação se destacaram e se entrelaçaram às tribais, potencializando-as.

A educação e a alfabetização no Império Otomano eram precarizadas. Portanto, a ausência de uma língua única e o surgimento da literatura curda apenas nos anos 20 rebate a teoria de que o desenvolvimento do capitalismo impresso foi o fator decisivo para a criação de uma identidade nacional, assim como afirmou Anderson (2008). Além disso, o conceito de identidade nacional baseado em uma etnia não foi a condição principal para que os movimentos nacionais obtivessem sucesso, já que poucos otomanos se identificavam etnicamente. Seus objetivos eram, na maioria, a separação por demandas religiosas.

O *Sheik Sêx Seîd* foi o líder de uma revolta em 1925 no Curdistão turco que reivindicava um Curdistão independente de acordo com os princípios islâmicos. Apesar do caráter nacionalista já ter se apresentado em algumas revoltas anteriores, esta se destaca pela organização política que a precedeu, utilizando o carisma do sheik para mobilizar as massas. A rebelião do *sheik* Said foi religiosa e nacionalista, além de que propunha a restauração do califado. Muitos autores classificam este evento como o marco inicial do nacionalismo curdo. Além disso, destaca a posição de liderança que era relegada aos aghas e sheiks, bem como sua relação íntima com o Estado.

O nacionalismo curdo nasce com o advento da modernidade. Porém, a identidade étnica curda remonta há séculos atrás. Os nacionalistas afirmam que a nação curda estava apenas adormecida, e que pode ser identificada através de mitos e símbolos antigos. Um dos registros que ressaltam essa condição é o poema "*Mem u Zin*" escrito no século XVII pelo poeta Ahmad-i Khani. É considerado um marco da consciência nacional curda. Porém, o próprio poema é um registro das divisões que existiam entre os próprios curdos e a ausência de uma união coletiva (BRUINESSEN, 1978).

Não há um censo crível da civilização curda. Contabilizam mais de 30 milhões de indivíduos que se concentram predominantemente nas regiões fronteiriças da Turquia, Iraque, Síria e Irã, compreendendo o Curdistão. "*São a maior nação mundial sem um Estado próprio*" (Gunter, 2013, p. 159, tradução nossa). O Curdistão compreende quatro países, porém sua população se encontra espalhada e concentrada por diversos locais fora deste território.

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

Os curdos não têm religião única. A maioria é muçulmano sunita. A minoria xiita se concentra no Curdistão do Irã, que é um Estado xiita. Os *alevitas*, *yazidis*, *shabaks*, e em menor número judeus e cristãos, são minorias que também compõem parte das religiões praticadas pelos curdos. Além disso, diversas minorias étnicas convivem nos territórios do Curdistão, como turcomanos, armênios, assírios, etc. Em relação à diversidade linguística dos povos curdos, também é importante ressaltar que esta foi e é constantemente modificada pelas línguas oficiais dos Estados-nação em que os curdos se encontram. Isso se dá pelo fato de que, na maioria destes Estados, qualquer manifestação de expressão cultural ou identitária curda é considerada ilegal.

Os curdos são considerados guerreiros das montanhas. Sua localização remota fez destas montanhas fronteiras naturais. David McDowall (2007) recorda que os povos presentes nos desertos e nas montanhas são historicamente mais resistentes às autoridades governamentais, principalmente pela dificuldade do próprio governo em exercer seu domínio em tais áreas.

A topografia montanhosa do Curdistão é ideal para a luta armada e os curdos têm lutado contra a colonização e a ocupação por parte de potências estrangeiras desde tempos imemoriais. A resistência tem se transformado parte de sua vida e cultura (ÖCALAN, 2008, p. 6).

Ao longo dos anos, com o desenvolvimento e ascensão do modo de produção feudal, a região passou pelo controle do Império Sassânida, Império Islâmico e Império Otomano. A relação dos chefes tribais e donos de terra com as lideranças estatais se dava de maneira harmoniosa durante este período e, durante 300 anos, as tribos curdas se mantiveram sem muitas perturbações vindas dos Impérios vigentes. O acordo era que policiassem as fronteiras em troca de feudos para os chefes tribais. O acordo permitiu que os impérios mantivessem controle sobre as possíveis insurgências curdas. Porém, a desintegração desta condição se deu pelo *“crescimento da ameaça pelos poderes europeus à integridade do Impé-*

rio Otomano, e a tentativa deste último de responder ao desafio" (McDowall, 1992, p. 11. Tradução nossa). Assim, o Império rompeu com a possibilidade de autonomia das regiões curdas, já que estendeu maior controle sobre os territórios.

Com a derrota do Império Otomano no fim da I Guerra Mundial, as forças britânicas e francesas ocuparam e partilharam grande parte do território curdo através de um tratado secreto denominado Sykes-Picot. As novas fronteiras estatais ignoraram as territorialidades das tribos regionais. Assim como afirmou Dilar Dirik, *"esse é o colonialismo: a imposição forçada de fronteiras que não refletem as realidades, alianças, ou identidades locais, mas são baseadas solenemente nos interesses ocidentais (ou outros que não os locais)"* (DIRIK, 2015, p. 33. Tradução nossa).

O Tratado de Sèvres, feito entre os vencedores da I Guerra Mundial, não era às escondidas como o anterior, mas também partilhava o Império Otomano. O Tratado foi assinado em 1920 e previa que a região curda dentro da Turquia adquirisse autonomia através de um Estado próprio. Os artigos 62 e 64 registravam a possibilidade da independência do povo curdo em relação à Turquia. Porém, esta afirmação nunca saiu do papel.

Com o fim do Império Otomano e o advento dos Estados-nação, o Curdistão foi repartido em quatro fragmentos: Turquia, Irã, Iraque e Síria. E assim, o desenvolvimento do povo curdo dentro de cada um desses territórios foi diferente. Nunca existiu um Estado independente curdo, apesar da porção do Curdistão iraniano ter certa autonomia. O presente artigo irá se estender brevemente sobre a história da Turquia já que este foi o local onde nasceu o PKK, e também é a região onde há a maior concentração populacional de curdos.

Os curdos apoiaram o Império Otomano durante a Primeira Guerra Mundial, bem como Mustafa Kemal Atatürk durante a guerra de independência da Turquia posteriormente. Após o Tratado de Sèvres em 1920, que providenciou uma região autônoma curda, surge o Tratado de Lausanne em 1923, que reconheceu a recém-criado Estado da Turquia, mas descartou qualquer possibilidade de independência do povo curdo. Assim, diversas revoltas seguiram à criação da Turquia como um Estado secular e anti-minorias étnicas.

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

As autoridades turcas passaram a eliminar qualquer traço de identidade curda que pudesse ser identificado, como língua, vestimentas, nomes, manifestações culturais e tradicionais, etc. (Gunter, 2013). O feriado denominado *Newroz* é a demarcação do ano-novo curdo, e sua celebração foi proibida.

Assim, com a fundação do Estado-nação turco, a cidadania plena foi concedida apenas aos turcos. Além disso, a abolição do sultanato e do califado fez com que os aghas e shaiks perdessem a importância de seus papéis. As revoltas curdas que ascenderam posteriormente foram duramente reprimidas pelo novo governo. E a própria natureza fragmentada da sociedade curda, que ainda não se unia através de uma identidade nacional, dificultava a organização e efetividade dos levantes.

HISTÓRIA DO PKK

Na Turquia, o crescimento econômico aumentou a partir dos anos 20, e a industrialização nos anos 50 permitiu que o país fosse integrado na economia mundial. Porém, as regiões do Curdistão, independentemente do Estado-nação que as restringiam, foram submetidas a um processo de subdesenvolvimento econômico. De acordo com Paul White, *“a ‘democratização’ política não foi alcançada pelos curdos”* (White, 2015, p. 26). Os curdos não eram considerados cidadãos, e tinham seus direitos restringidos pelo governo turco. Um exemplo marcante é o fato de que eram considerados “turcos da montanha”, e não curdos.

Com o desenvolvimento dos sentimentos nacionais e anticoloniais no Oriente Médio, a população curda na Turquia demandava cada vez mais seus direitos e reconhecimento pelo Estado. Em 1978, após diversos conflitos, é fundado o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) em Ancara.

A partir de um grupo de estudantes de esquerda, surge uma organização cuja linha política era marxista-leninista e nacionalista. Os estudantes eram em sua maioria de famílias camponesas e, inicialmente, setecórico e de propaganda, levando seu programa político para diferentes vilas e cidades. O grupo, essencialmente de formação ideológica, evoluiu para um partido políti-

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

co (White, 2015). Defendiam o socialismo revolucionário com o objetivo de um Estado nacional curdo. Abdullah Öcallan (Apo) era (e ainda é) considerado o dirigente do PKK. A estrutura era típica de um Partido Comunista, com um comitê central e congressos que definiam as resoluções do partido (AKKAYA; JONGERDEN, 2011).

Já que o Estado turco tentava destruir qualquer traço de identidade curda, o PKK passou a existir na clandestinidade. O partido tinha a guerrilha como estratégia principal, e ainda é considerado uma organização terrorista em diversos países. Em 1984,

embarcou em uma campanha de violência explícita contra curdos associados com o sistema estatal. Como resultado, vários *aghas*, donos de terras e oficiais vistos pelo PKK como traidores foram assassinados, frequentemente com suas famílias inteiras (MCDOWALL, 1992, p. 16. Tradução nossa).

A luta do PKK contra o Estado turco, e sua consequente repressão brutal pelo mesmo, fez com que muitos curdos se solidarizassem com o partido. O partido foi consolidado como vertente dominante do movimento curdo.

A partir de 1980, a participação das mulheres curdas nas mobilizações do movimento aumentou consideravelmente. Apesar destas mulheres estarem presentes desde o período das rebeliões que insurgiram no século XIX, foi apenas no final do século XX que esta participação adquiriu grande expressão. Além da luta armada, elas também se envolveram nas atividades políticas e organizações civis.

Com a intensificação da luta do PKK e de sua guerrilha nas montanhas, diversos homens foram presos e, portanto, as mulheres passaram a assumir um papel muito mais ativo. A partir deste momento, e principalmente com a participação destas mulheres no exército, o projeto ideológico do movimento curdo se modificou. As mulheres passaram a ser consideradas não mais objetos passivos, mas ativos dentro da luta pela liberdade.

A partir destas novas organizações e mobilizações,

o discurso e a prática do partido são modificados, como é possível observar na obra “Libertando a vida” de Abdullah Öcalan (2016). O autor afirma que a noção de alteridade entre homem e mulher foi a responsável por todas as relações de poder que surgiram posteriormente. Portanto, qualquer luta que buscasse verdadeiramente a liberdade e igualdade, deveria primeiramente libertar a mulher. Assim, a liberdade da mulher deveria ser a prioridade para aqueles que se interessassem na libertação da sociedade como um todo.

Além disso, o autor ressalta a necessidade de uma organização específica das mulheres, dentro de um movimento de democratização: *“É preciso que as mulheres determinem o seu próprio objetivo democrático e criem a organização e o trabalho para realizá-lo”* (Öcalan, 2016, p. 69). Apenas através da auto-organização das mulheres dentro de um projeto de sociedade democrático que a liberdade e a igualdade seriam alcançadas. Assim, a libertação da mulher passa a ser um dos pilares do movimento curdo.

Posteriormente, diversas revoltas eclodiram durante os anos 90, e milhares de civis foram mortos, principalmente os guerrilheiros do PKK. Öcalan passou anos como fugitivo, mas eventualmente foi capturado e preso no Quênia pela polícia turca e pela CIA em 1999. Antes mesmo deste acontecimento, o partido já vinha realizando reflexões sobre a efetividade da luta armada versus o sofrimento da população civil. Neste contexto se iniciou a mudança de paradigma do partido já que, apesar do encarceramento de Öcalan, as atividades do partido continuaram apesar das dificuldades e da perseguição de seus militantes (AKKAYA; JONGERDEN, 2011). Após a captura de Öcalan, outras figuras assumiram certo papel de liderança, como Sakine Cansiz, uma das co-fundadoras do PKK. Ela foi uma das principais figuras na organização do movimento de mulheres curdas. Cansiz foi assassinada em 2013 no centro de informação do Curdistão em Paris, juntamente com outras duas mulheres. Estes assassinatos ocorreram em um momento de negociação da Turquia com Öcalan de dentro da prisão.

Durante os anos de 2003 a 2005, diversos militantes deixaram o partido por conta da captura de seu líder e as consequências resultantes. O cessar-fogo das guerrilhas se mostrava polêmico e inaceitável para alguns. Mas em 2000, após a prisão de Öcalan, no Sétimo Congresso

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

Extraordinário do Partido, as discussões já apontavam para uma transformação democrática e o cessar-fogo das lutas armadas. As reestruturações foram ideológicas e organizacionais. É durante o Nono Congresso, em 2005, que o PKK se reformula essencialmente. Além disso, apenas no final de 2012 que a Turquia, agora governada por Erdogan, estabelece negociações de paz com o PKK. Estas negociações foram realizadas em segredo com Öcalan ainda na prisão após diversas tentativas de cessar-fogo, principalmente do PKK. Porém, as negociações cessaram a partir de 2015, e em outubro de 2019 o governo turco realizou um ataque agressivo às bases curdas na fronteira da Síria com a Turquia.

Como é possível observar, Öcalan é peça essencial do partido e as formulações principais giram em torno de suas ideias e obras. Como o PKK representa atualmente a maior expressão do movimento curdo, Öcalan pode ser considerado a grande liderança curda.

MUDANÇA DE PARADIGMA DO PKK E A NAÇÃO DEMOCRÁTICA

Öcalan estudou autores com outras perspectivas para além do socialismo revolucionário e da reivindicação por um Estado-nação de dentro da prisão, como Murray Bookchin e suas ideias sobre ecologia e municipalismo libertário. Bookchin escreveu em sua obra "Ecologia social e outros ensaios" (2010) sobre possibilidades de organização social sustentáveis. Afirma que qualquer tamanho de Estado, seja ele mínimo ou máximo, ainda mantém a lógica estatal de centralização do poder. Para que um projeto seja realmente descentralizador, deve seguir a direção da *"estetização das capacidades produtivas humanas; a abolição da hierarquia e dominação em todas as esferas da vida pessoal e social; a reintegração de todas as comunidades sociais e naturais em um ecossistema comum"* (BOOKCHIN, 2010, p. 32).

De acordo com Bookchin, o Estado centralizado é sinônimo de Estado nacional. Portanto, os movimentos devem cada vez mais se aproximar de organizações comunitárias e autônomas. O município seria o local onde se aglutinariam as pessoas que, através da democracia e das relações sociais diretas, fariam oposição às instituições políticas. Estes municípios seriam compostos por assembleias populares e com delegados (e não repre-

sentantes) que realizariam a administração dos interesses comuns de maneira rotativa e limitada às decisões das próprias assembleias populares. Este movimento seria interligado através de uma confederação de municípios (Bookchin, 2010). A partir destas ideias, o movimento curdo muda de direção.

Anteriormente, o objetivo do movimento curdo era a criação de um Estado-nação socialista, de acordo com os princípios marxistas-leninistas. Após reflexões sobre autoritarismo e poder, os militantes concluem que o Estado é a monopolização do poder burguês na sociedade capitalista e que perpetua os mecanismos opressivos do nacionalismo, racismo e sexismo para sua consolidação. Öcalan e os militantes do PKK reformularam o paradigma do partido após o reconhecimento do Estado-nação como instituição contraditória aos princípios socialistas e democráticos (ÖCALAN, 2016).

Assim, a luta por uma região autônoma que se organizasse através dos princípios do projeto denominado Confederalismo Democrático, como a democracia, ecologia e liberdade de gênero, passa a ser a prioridade do movimento. Este novo projeto, baseado no municipalismo libertário de Bookchin, busca criar uma sociedade ética-política, baseada nos princípios democráticos, anti-capitalistas, antipatriarcais e antirracistas, onde as estruturas são organizadas conforme a vontade dos indivíduos (BIEHL, 2013).

Atribui-se maior importância ao nível local e às decisões tomadas pelos indivíduos dentro de suas ruas/vilas. Estas decisões são repassadas às instâncias maiores através de delegados (e não representantes). As decisões tomadas pela participação de toda a sociedade, de maneira considerada verdadeiramente democrática, contrastam com a burocracia estatal e suas decisões arbitrárias. O objetivo é que as confederações se tornem cada vez mais expansivas, não se limitando a determinados territórios.

A principal característica do Confederalismo Democrático é a luta não apenas contra a homogeneização que é praticada pelos Estados-nação, mas também contra a determinação de que o Estado é uma consequência “natural” ou até mesmo fruto de um “progresso social”. A própria noção de que o Estado é uma instituição necessária é questionada. Através do reconhecimento da

diversidade dos povos, principalmente no Oriente Médio, Öcalan afirma que a auto-administração da sociedade permite a abertura de espaços políticos, integrando diferentes grupos na tomada de decisões a nível local e global.

Na obra (2016), Öcalan afirma que os Estados-nação do Oriente Médio e seus nacionalismos são os responsáveis por grande parte dos conflitos existentes no Oriente Médio. Anteriormente, o período feudal permitia que os territórios tribais não fossem constituídos por fronteiras firmemente delimitadas, como as fronteiras nacionais. Durante o período dos Impérios, as fronteiras eram alteradas constantemente.

A ideologia nacional surgiu no final do séc. XVIII, e a região do Curdistão foi fatiada por fronteiras criadas pelas revoluções nacionais, assim como descrito anteriormente. O nacionalismo é a ideologia que busca aglutinar todos os diferentes grupos étnicos, bem como as tribos e clãs, sob o teto do Estado. O Estado-nação é homogeneizador e realiza a assimilação de todas as culturas em uma única cultura nacional que serve aos interesses da classe dominante. A criação de uma comunidade imaginada resulta na aniquilação de todas as outras que são supostamente diversas à nação. Porém, as características de uma nação a serviço do capital não representam as únicas possibilidades de modelos de nação, de acordo com Öcalan.

Em relação ao povo curdo, Öcalan afirma que este apenas existirá de maneira íntegra em uma civilização democrático-socialista. Atualmente, a expressão desta civilização é a modernidade democrática, que é a alternativa descrita pelo autor para a concretização da chamada nação democrática. Através de uma economia não-monopolista e ecológica, com formações políticas diversificadas e o enaltecimento do feminismo, a estrutura da alternativa democrática deve suprir as necessidades da sociedade de acordo com as decisões dos indivíduos. O autor propõe desenvolvimentos nacionais democráticos que sejam mais flexíveis e que não se apoiem na estrutura estatal (ÖCALAN, 2016).

O formato político que expressa as bases da modernidade democrática é o Confederalismo Democrático. Este é classificado como a única opção possível para a aplicação de políticas verdadeiramente democráticas.

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

Porém, o autor ressalta que este “método de solução democrática” não é independente do Estado-nação. Ambos podem coexistir como duas autoridades sob o mesmo teto. Portanto, as forças responsáveis pela transformação democrática emanam essencialmente da sociedade, e não de determinados governos os Estados. A convivência entre as instituições deve se dar através do estabelecimento de uma constituição democrática.

Em relação ao conceito de nação, Öcalan propõe uma reformulação das definições clássicas. O autor afirma que o projeto democrático que apresenta em sua obra implica na construção de uma nação democrática; ou seja, um não existe sem o outro. A composição da nação democrática se dá através da vontade livre dos indivíduos e do estabelecimento de instituições autônomas. Esta definição envolve apenas um estado de mentalidade compartilhado por uma comunidade e, assim, qualquer outra característica passa a ser não-essencial. Além disso, esta mentalidade é baseada na liberdade e solidariedade, que se concretiza através da autonomia democrática. As instituições autônomas e democráticas definem a nação democrática na prática (ÖCALAN, 2016).

Esta definição contrasta com o entendimento da nação como unidade, que é reunida através de características específicas como língua, religião ou história (passado comum). A nação democrática rompe com estas condições que limitam a participação dos indivíduos na comunidade nacional. Uma das características que é ressaltada por Öcalan é a necessidade da diversidade. A união de diversas comunidades, inclusive das entidades tribais, deve se concretizar. É possível ter diferentes línguas etnias e inclusive outras nações dentro deste modelo.

Além disso, a prática de autogoverno é essencial para a nação democrática. Sem a garantia do poder na mão dos indivíduos e da participação de todos nas tomadas de decisão, os princípios de liberdade e solidariedade não podem ser concretizados. Assim, a ideia de uma comunidade nacional diversa se constrói juntamente com a prática de autonomia desta mesma comunidade.

Os curdos foram impedidos dessa prática por todos os Estados em que se encontravam. De acordo com o autor, os Estados-nação podem coexistir com o povo curdo e respeitar sua sociedade nacional, bem como sua

autonomia democrática. Isto deve ser garantido através de uma constituição.

As três características da nação democrática apresentadas acima, que são respectivamente um estado de mentalidade comum, a necessidade da diversidade e a autonomia democrática, fazem parte do projeto revolucionário que tem por objetivo promover a liberdade dos indivíduos, ao mesmo tempo que os une através das responsabilidades do cotidiano e da construção de uma sociedade livre.

O projeto de uma nação democrática curda está de acordo com a própria história do povo curdo. Desprovidos de algum elemento que trouxesse unidade a este povo, a identificação étnica curda já ocorria através de um estado de mentalidade. Portanto, os curdos facilmente podem pensar sobre esta nova definição de nação já que eles mesmos viviam a união através de elementos subjetivos.

Porém, alguns autores, a partir de diferentes abordagens, identificaram algumas críticas que devem ser ressaltadas neste artigo.

Uma das primeiras críticas que se pode fazer é em relação à posição de poder que é relegada a Öcalan. Em um partido que propõe a ausência de hierarquia e a participação ativa de todos, esta contradição é inegável. Ele é considerado não apenas um dirigente, mas também teórico, comandante, e se tornou uma figura mítica aos olhos dos que compõem o movimento curdo. A grande maioria das publicações ideológicas do partido giram em torno dos escritos de Öcalan. Alex de Jong (2015) afirma que "*Öcalan era mais que um líder notável ou mesmo essencial; ele próprio, sua pessoa, se tornou uma figura indispensável para a libertação do povo curdo*" (Jong, 2015, p. 19. Tradução nossa). Para romper com as hierarquias de maneira integral, demonstra-se necessário romper com a figura de uma liderança única e intocável.

Uma das características mais marcantes do PKK é a luta pela libertação da mulher através do protagonismo das próprias mulheres. Elas se tornaram o principal pilar do movimento curdo. Porém, apesar da participação das mulheres ter se iniciado com maior intensidade durante os anos 80 conforme descrito acima, as práticas do partido na direção da libertação da mulher só se

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

efetivaram com as análises e discursos de Öcalan. Assim como afirmou Salih Muslim em uma entrevista sobre o papel de Öcalan na organização das mulheres curdas: *"Quase tudo o que acabei de dizer sobre como o feminismo deve proceder pode ser encontrado nos escritos de Abdullah Öcalan"* (SCHMIDINGER, 2018, p. 213. Tradução nossa)¹ Assim, conforme descrito acima, a posição transcendental ocupada por Öcalan, no caso uma figura masculina, cria uma distância notável entre homens e mulheres. Além disso, impede as mulheres de criarem suas próprias narrativas ao monopolizar a construção ideológica do movimento.

Após a reformulação do partido, constatações como desigualdade econômica e termos como estrutura de classes ou luta de classes desapareceram. Com o afastamento em relação ao marxismo, a luta dos trabalhadores deixou de ser a prioridade para dar lugar à livre expressão de diferentes identidades étnicas. De acordo com Öcalan, o Estado seria o principal alvo já que é a instituição perpetuadora das divisões de classe. Assim que este fosse extinto, as contradições desapareceriam também.

Porém, este detalhe é algo que merece atenção. Esta característica também é presente nas definições clássicas de nação, já que a comunidade nacional ignora possíveis desigualdades. Apesar da população curda ser em sua maioria camponesa e proletária, as divisões de classe ainda são presentes, principalmente em relação aos chefes tribais. O não-reconhecimento das relações de classes e de como estas estão intimamente conectadas com um certo tipo de Estado e de ideologia é funcional para implantação ou reprodução de relações de exploração e de dominação capitalistas encobertas, mesmo que o movimento tenha como objetivo uma "democracia sem Estado". Portanto, *"a não ser que essas estruturas sejam diretamente abordadas, elas tenderão sempre a se afirmarem"* (GRAEBER, 2016, p. 19. Tradução nossa).

CONCLUSÃO

Por fim, pode-se concluir que a identidade nacional é algo que está em constante mudança, e não apenas no caso dos curdos. Apesar das contradições apresentadas acima, o discurso da nação democrática de Öcalan foi (e está sendo) colocado em prática na revolução em Rojava. E o próprio caráter da revolução é o de diferentes tentativas e resultados, com o objetivo de garantir a liberdade do povo curdo. Não é possível prever qual direção seria “correta”, já que são diversas forças em jogo.

A prática política se dá no cotidiano de pessoas comuns que se prontificam todos os dias para construir e tomar decisões a respeito dos rumos da sociedade em que vivem. Não é apenas uma maneira de resistir e sobreviver às condições precárias da guerra, mas de construir uma nova realidade.

A revolução em Rojava é uma lição para todos os povos que acreditam na liberdade e solidariedade.

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

BIBLIOGRAFIA

AKKAYA, Ahmet Hamdi; JONGERDEN, Joost. "The PKK in the 2000s: Continuity through breaks?". In: CASIER, MARLIES e JONGERDEN, Joost. **Nationalisms and politics in Turkey**: political Islam, Kemalism and the Kurdish Issue. New York: Routledge, 2011, p. 143-62.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

BOOKCHIN, Murray. **Ecologia social e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

BREUILLY, JOHN. **The Oxford Handbook of the History of Nationalism**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CAGLAYAN, Handan. From Kawa the Blacksmith to Ishtar the Goddess: Gender Constructions in Ideological-Political Discourses of the Kurdish Movement in post-1980 Turkey. **European Journal of Turkish Studies**, p.19-33, 2012.

DIRIK, Dilar. Living Without Approval. **New World Academy Reader: Stateless Democracy**. Amsterdam: BAK, 2015.

JONG, Alex de. De apisonadora estalinista a mariposa libertaria? La evolución ideológica del PKK. **Viento Sur**, n. 140, jun. 2015.

GUIBERNAU, Montserrat. Nations Without States: Political Communities in the Global Age. **Michigan Journal of International Law**, n. 25, 2004.

GUNTER, Michael. An Historical Overview to the Kurdish Problem. **The Copernicus Journal of Political Studies**, n. 2 (5), 2013.

GUNTER, Michael M. **Historical Dictionary of the Kurds**: Historical Dictionaries of Peoples and Cultures. 2. ed. Scarecrow Press, 2010. 457 p. Kindle Edition.

Júlia Mongiat Bezerra

Notas sobre o nacionalismo curdo: reformulação da identidade nacional

KNAPP, Michael; FLACH, Anja; AYBOGA, Ercan. **Revolution in Rojava: Democratic Autonomy and Women's Liberation in Syrian Kurdistan**. London: Pluto Press, 2016.

KREYENBROEK, Philip; SPERL, Stefan. **The Kurds: a contemporary overview**. London/New York: Routledge, 1992.

MARCUS, Alisa. **Blood and Belief: The PKK and the Kurdish fight for independence**. New York & London: New York University Press, 2007.

MCDOWALL, David. **A Modern History of the Kurds**. London/New York: I.B. Tauris & Co Ltd, 2007.

ÖCALAN, Abdullah. **Confederalismo Democrático**. Rio de Janeiro: Rizoma, 2016.

ÖCALAN, Abdullah. **Democratic Nation**. Cologne: International Initiative, 2017.

_____. **Guerra e paz no Curdistão**. Cologne: International Initiative, 2008.

_____. **Libertando a vida: a revolução das mulheres**. São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2016.

RENAN, Ernest. **What is a nation?**. In: BHABHA, Homi K. **Nation and Narration**. London/New York: Routledge, 1990.

SCHMIDINGER, Thomas. **Rojava: Revolution, War, and the Future of Syria's Kurds**. London: Pluto Press, 2018.

VAN BRUINESSEN, Martin. **Agha, Shaikh, and State: On the Social and Political Organization of Kurdistan**. Utrecht: University of Utrecht, 1978.

WHITE, Paul. **The PKK: Coming Down from the Mountains**. London: Zed Books, 2015.